

# Duas visões do feminino: Diana e Tamar, em *Manual da Paixão Solitária*, de Moacyr Scliar

Eunice Piazza Gai<sup>13</sup>  
Silvia Raquel Rocha<sup>14</sup>

## RESUMO:

Em *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar, a personagem Diana torna-se a porta-voz da personagem Tamar, resgatada de uma passagem bíblica: Gênesis, capítulo 38, texto que conta a história do patriarca Judá, de seus filhos e de Tamar que se envolveu com todos eles. O artigo em questão retoma a visão do feminino explorada por Scliar, permeada por uma perspectiva irônica, da atuação das duas personagens e da localização destas no espaço e no tempo, revelando aspectos que permitem constituir um mosaico para o cenário feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** ironia; personagens femininas; Bíblia; romance; Scliar.

## ABSTRACT:

At Moacyr Scliar's *Solitary passion manual* the character Diana becomes the speaker of the character Tamar, rescued from a bible passage: Genesis, chapter 38, a text which tells about the story of the patriarch Judá, his sons and Tamar, who was involved with all of them. The article itself retakes the feminine vision explored by Scliar, permeated by an ironic perspective, both the two characters actuation and their localization on time and space, revealing aspects allowing this way to constitute a mosaic for the feminine scenario.

**KEY-WORDS:** Irony; feminine characters; Bible, romance; Scliar

---

<sup>13</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e do Departamento de Letras da UNISC.

<sup>14</sup> Mestre em Letras – Leitura e Cognição pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul.

## INTRODUÇÃO

A narrativa **Manual da paixão solitária** estrutura-se a partir de uma passagem bíblica: Gênesis, capítulo 38, texto que conta a história do patriarca Judá, de seus filhos e de uma mulher chamada Tamar que se envolveu com todos eles. Nessa narrativa, Scliar dá voz a personagens que não as têm no relato bíblico, subvertendo criativamente a ordem dos fatos e o ponto de vista canônico.

Num trabalho maior<sup>15</sup> procuramos desenrolar a trama narrativa, através do enfoque de cada uma das vozes narrativas envolvidas no jogo de Scliar, onde o Prof. Haroldo é o porta-voz do manuscrito de Shelá e a Prof.<sup>a</sup> Diana apresenta a manifestação de Tamar. Nesse artigo enfocamos somente o contraponto das duas visões do feminino através das personagens de Diana e Tamar, considerando uma perspectiva irônica, já que existe uma ambiguidade que cerca a totalidade da narrativa.

Na perspectiva irônica é possível considerar as várias definições de ironia: ironia trágica, cômica, de modo, de situação, retórica, autoironia, socrática, cósmica, verbal, do destino, do caráter, entre outras, passando pelo obscurecimento do conceito pela ligação da ironia com a sátira, a paródia e o humor, seja ele cômico ou grotesco. De qualquer maneira, a ironia é uma estrutura comunicativa e a sua utilização é um recurso que permite uma ampliação de sentidos, solicitando o envolvimento não apenas do autor, como também do leitor para concretizar-se na sua significação.

Na análise das personagens femininas em questão se sobressai um tipo de ironia (a ironia *humoresque*) em que o objetivo é manter a ambiguidade justamente para demonstrar a impossibilidade de estabelecer um sentido claro e definitivo para os fatos.

Parece-nos que para Scliar a ironia é uma forma de escritura destinada a deixar aberta a questão da significação. Com ela o autor garante o distanciamento necessário do narrador ou dos narradores, de forma que ao dizer algo consiga ativar não uma interpretação, mas uma série de interpretações possíveis e, muitas vezes, subversivas.

---

<sup>15</sup> A narrativa bíblica e o romance *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar: uma visão hermenêutica. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de Pesquisa: Texto, Subjetividade e Memória, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, em maio de 2011. Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Terezinha Piazza Gai.

As diferenças entre os gêneros começaram a ser mais fortemente questionadas a partir dos movimentos feministas empreendidos no decorrer do século XX. Até então o que vigorou foi uma pretensa superioridade masculina, demonstrada na literatura desde os relatos bíblicos que, na sua maioria, apresentam a mulher como objeto do desejo e da vontade do homem. Por muito tempo, grande parte da produção literária seguiu esse modelo ou deixou de representar o gênero feminino, omitindo sua presença e atuação, priorizando a ótica masculina.

Os movimentos feministas foram então, mesmo que possam ser questionados no sentido de que motivaram uma simples inversão de foco sobre o gênero, os responsáveis pela abertura de novos espaços de discussão sobre o papel da mulher e de novos espaços para a atuação feminina. No entanto, é necessário esclarecer que entrar nessa complexa discussão foge do nosso interesse; o que pretendemos é apenas salientar que, em *Manual da paixão solitária*, Moacyr Scliar retoma questões que resgatam um pouco da trajetória feminina. Isso se dá através da atuação de suas personagens e da localização destas no espaço e no tempo, revelando aspectos que permitem constituir um mosaico para o cenário feminino.

## **Duas visões do feminino: Diana e Tamar**

No romance de Scliar, a personagem Diana tem uma voz que personifica outra personagem, Tamar. Esta nasce do resgate de uma personagem bíblica, situada na estrutura patriarcal da antiga Israel, período em que às mulheres cabia o papel de mãe e de esposa, com total subserviência ao pai e/ou ao marido. Já Diana é uma personagem contemporânea, situada na atual cultura ocidental, independente e responsável por seus atos. É uma mulher liberada, que passou por três casamentos, não teve filhos e é financeiramente independente. A Profa. Diana era conhecida por assombrar e deliciar os espectadores dos programas de TV; por isso sua voz é um pouco a voz da eloquência, a voz de quem se pode esperar qualquer coisa. Esse contraste permite perceber as transformações ocorridas de lá para cá.

Destacamos que Scliar, ao escolher Tamar, escolheu uma das poucas mulheres com atuação diferenciada das demais registradas no Livro Sagrado. Essa personagem se encaixa perfeitamente nas intenções do autor que já revelou em outros momentos, como

no caso de *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999) seu intuito de “subverter a ordem”, destacando fatos e personagens que ficaram no anonimato em outras ocasiões, dando-lhes a vez de se manifestarem.

Tamar, já no relato bíblico, é apresentada como uma personagem astuta, determinada e inteligente, que tem uma atuação privilegiada na história da sedução de Judá descrita no capítulo 38 do livro do *Gênesis* no *Antigo Testamento*. Na *Bíblia*, encontramos apenas algumas mulheres com histórias semelhantes à sua: as filhas de Ló (Gn. 19, 1-38) e o par Rute/Noemi (Rt. 1, 1-22). Essas mulheres têm em comum uma história de sedução, uma sedução por elas planejada para atingir um objetivo: nos três casos o objetivo era o de gerar um herdeiro, garantindo descendência e estabilidade social. Também são mulheres estrangeiras (Tamar é de origem canaanita, as filhas de Ló têm origem sodomita e Rute é moabita), viúvas e desamparadas que utilizam o poder da sedução, aliado a outros recursos como a bebida, o momento e o local estratégicos, para atrair os homens que poderiam lhes garantir o alcance da meta.

Scliar aproveita o fato de que Tamar é uma personagem de atitude forte para desenvolver o seu perfil em *Manual da paixão solitária*, complementando e enriquecendo o perfil da personagem bíblica com detalhes minuciosos, revelando um mundo (apenas insinuado pela narrativa do capítulo 38 do Gênesis) recheado de acontecimentos surpreendentes.

A personagem scliariana revela uma gama de sentimentos possíveis para a Tamar bíblica, tornando-se quase uma heroína. Ela enfrenta dois casamentos, ambos muito sofridos; envolve-se com os problemas dos parceiros, além dos seus próprios; busca um terceiro casamento sem obter sucesso e, ainda assim, consegue manter a serenidade para articular um bem-sucedido plano para manter a sua honra e garantir o seu futuro. Essa personagem coloca em xeque o poder patriarcal e permite uma leitura que mostra que a mulher, apesar de toda a cultura opressiva, sempre conseguiu achar formas de chegar aos seus objetivos, mesmo que à custa de sofrimento, luta e ardis.

O diferencial de Tamar está na não passividade diante dos fatos: ela tem o ímpeto de agir, de planejar e de executar. Algumas coisas ela deixa de fazer por respeito ao legado de seu povo, “por causa da lealdade que, apesar de tudo, eu sentia para com minha gente, para com aqueles homens de longas barbas que lutavam para sustentar suas famílias, para com aquelas mulheres corajosas, ainda que de olhar triste.” (SCLiar,

2008, p.159-160) E esse é um exemplo do orgulho que o povo judaico carrega por seus antepassados, e de como as mulheres alcançaram seus propósitos através dos tempos.

É essa mesma lealdade para com o seu povo que pode ter levado a personagem bíblica a agir astuciosamente com a finalidade de continuar a linhagem da família na qual ela havia sido inserida. A iniciativa de Tamar acaba sendo a salvação da genealogia de Judá, cujo maior temor era ficar sem os filhos. Ao gerar gêmeos, a mulher que foi a ameaça da progenitura de Judá acaba sendo a sua salvação.

O que surpreende é a ousadia do plano de Tamar, que busca agir cautelosamente, de acordo com o que lhe garante a lei, para encurralar o sogro no cumprimento dessa obrigação. A sua conduta enfoca a tenacidade feminina quando há um propósito definido. No caso de Tamar, o propósito era gerar um filho para continuar a linhagem da família à qual ela passou a pertencer pelo casamento. Tamar revelou ser uma mulher corajosa e consciente de seus direitos e de suas responsabilidades sociais. Não fosse isso, ela poderia ter procurado gerar filhos fora do clã do marido, de maneira independente, o que seria um ato de prostituição no contexto da narrativa.

Aproveitando o fato de que a história de Tamar é reveladora de um aspecto cultural importante para a modernidade, que é a questão das diferenças e da importância social de homens e mulheres, Scliar aproveita para explorar, ficcionalmente, informações de um tempo que, certamente, foi a base de muitos dos conceitos que vigoram hoje.

Prova disso, por exemplo, é o caso de Tamar que não escolheu com quem casar. Foi seu pai quem se encarregou de negociar com os pretendentes, prática que vigorou por muitos séculos: “E estava falando da oportuna e afortunada união de poderes que o casamento proporcionaria...” (SCLIAR, 2008, p.147) Essa prática ainda vigora em alguns países do mundo. No ocidente, temos resquícios dela até hoje, quando muitos ainda enxergam o casamento como uma oportunidade para agregar conveniências.

Diana representa, em oposição a Tamar, uma personagem que tem a posse do seu corpo enquanto ser humano e cujo destino deixa de ser atrelado ao potencial de reprodução, podendo fazer com ele escolhas livres: “tive maridos, amantes, namorados, aqui e no exterior”. (SCLIAR, 2008, p. 212) Tamar é uma personagem que tem na maternidade uma necessidade. A maternidade, na sua época, estava colocada na essência e na razão de ser mulher.

Diana mostra a transformação que a condição feminina alcançou na

sociedade. As rápidas mudanças nas relações econômicas, sociais, políticas, científicas e até discursivas estão provocando mudanças nos papéis desenvolvidos por homens e mulheres.

Percebe-se que as práticas sociais, instituídas em um quadro de representação e de interpretação cultural, foram fortemente alicerçadas no patriarcado que fundamentou o sistema dos gêneros em “masculino/feminino”. Tal sistema também revela uma ambiguidade para as mulheres: histórica e culturalmente carregam uma tendência para o pecado, herança de Eva, ou seja, carregam uma fraqueza física e moral; e, ao mesmo tempo, são divinizadas pela sua condição de procriação, a qual pode ser interpretada como uma forma de se redimir do “pecado original”, uma vez que assim estariam reproduzindo o humano e, principalmente, o masculino. Essa ambiguidade suscita para a condição feminina a imposição de uma constante vigilância, inclusive pela insegurança dos homens diante do poder de sua sensualidade.

O desejo, portanto, é algo que por muito tempo precisou ser reprimido. Scliar, então, nos apresenta personagens cheias de sensualidade e desejo. Tamar é uma personagem que os expõe sem rodeios:

Eu queria um homem, um homem que despertasse a mulher dentro de mim, que me fizesse viver a plenitude da feminilidade. Olhar para rapazes, inclusive para meus irmãos, que começavam a chegar à puberdade, era uma experiência perturbadora, como o eram os sonhos que eu tinha constantemente e dos quais acordava coberta de suor. (p. 146)

Portanto, a manifestação do desejo no discurso de Tamar, aparece em oposição ao código moral herdado dos antepassados. Ela aborda as questões sexuais com uma perspectiva provocadora do ponto de vista literário; e sem nenhum rodeio, de maneira muito clara do ponto de vista fisiológico.

Tanto é assim que a personagem constata, após a maternidade, ainda ter acesso o desejo de prazer, de prazer sexual: “a falta de homem estava me deixando doente, e o pior é que eu não sabia o que fazer, a quem recorrer” (SCLIAR, 2008, p.204).

A personagem, no início, apresenta certa resistência ao ato masturbatório, pensando que aderir a essa prática poderia atestar sua incapacidade de atrair homens, mas

depois concluiu que seria “melhor alguma forma de vida sexual, mesmo que solitária, do que sexo nenhum”. E, a partir dessa prática, revela ter conseguido maior equilíbrio para a sua vida:

Minha ansiedade diminuiu consideravelmente. Agora podia, com calma e com alegria até, cuidar da casa e de meus filhos. Fazia o que tinha que fazer e, à noite, sozinha no meu quarto, entregava-me ao sexo solitário, com muita variação em termos de parceiros imaginários: Shelá era uma presença constante, mas um rejuvenescido Judá entrava na dança, e também muitos outros homens da tribo e até viajantes que ocasionalmente passavam por ali. (SCLIAR, 2008, p. 205)

A prática autoerótica de Tamar, parece ser um ingrediente de harmonização para a vida, ao mesmo tempo em que reforça a possibilidade de paz na solidão.

A personagem Tamar, tal qual nos é apresentada no relato bíblico, apresenta diferenciais em relação ao comportamento da época, com uma atuação que não é a que a tradição bíblica manifesta para as mulheres, portanto, já nesse relato ela é ousada, inteligente e perspicaz. Na construção ficcional de Scliar, ela é ainda mais ousada, fato que pode ser aceito por estar ela sendo dramatizada por uma pessoa contemporânea à narrativa e também ousada para o seu tempo, a professora Diana.

Uma ironia de eventos (na ironia de eventos, o que sobressai é um contraste agudo entre o que se espera e o que realmente acontece) às avessas, ironia da ironia, se aplica à personagem Tamar, já que ela, apesar das circunstâncias, planeja e executa ações capazes de driblar as circunstâncias sociais. Sua ação tem importante reflexo para a análise do papel da mulher na sociedade e a ironia está na inversão de papéis proporcionada por suas ações: a mulher deixa de ser submissa e passa a agir, deixa o papel de vítima e torna-se heroína.

Pelo viés da ironia, podemos apontar uma interpretação plausível para a abordagem dada ao papel feminino, representado pelas descrições e atitudes das personagens Tamar e Diana, em contraponto. No texto de Scliar percebemos que a personagem Diana não consegue alcançar a mesma relevância da personagem Tamar. O fato parece apontar para uma possível tirada irônica do autor, que a apresenta como uma mulher um tanto caricaturizada pelo desempenho feminista. Parece-nos que existe uma

possibilidade de riso irônico sobre a personagem que, mesmo sendo a representação da mulher atual, mais livre e dona de si, é apresentada como uma personagem “histriônica”, que provocava “cochichos e risinhos”. Talvez a ironia esteja em mostrar que a mulher não precisa de todos os artifícios exagerados de Diana para alcançar seus objetivos; Tamar agiu discretamente, em silêncio, e conseguiu provar sua inteligência, garantir seus direitos e estabelecer-se como dona do seu destino. Ironicamente, percebemos que Tamar garante a linhagem do patriarca Judá, provando ser mais eficiente nessa tarefa do que o próprio. Já Diana expunha-se de maneira exagerada diante da mídia e das pessoas; vivia em atrito com os outros, estava doente e continuava sozinha.

Essa interpretação é apenas uma possibilidade, já que a ambiguidade e o distanciamento provocados pelo discurso irônico demonstram que pode ser em vão uma tentativa de capturar o sentido totalizante da narrativa e do próprio tema em questão, pois a intenção do autor parece ser, justamente, a de dispersar os sentidos. Não existe, assim, nenhum compromisso com as verdades estabelecidas, o importante é colocá-las todas sob suspeita.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Edição da Família. 50 ed., Ed. Vozes, 2005.

BERND, Zilá & ZILBERMAAN, Regina (org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. *Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PINTO, Enio Brito. *Sexualidade e solidão*. Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática. Revista n° 22.

ROCHA, Silvia Raquel. A narrativa bíblica e o romance *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar: uma visão hermenêutica - (Mestrado em Letras). Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2011.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os vendilhões do Templo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Manual da paixão solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SWAIN, Tania. *Meu corpo é um útero?* Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Org. Cristina Stevens.

Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *Introdução à poética da ironia*. Linha de Pesquisa, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 27-48, outubro/2000.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1970.